

Revisitando a Protoficção Científica: considerações acerca da literatura e das mudanças epistemológicas

Revisiting Scientific Protofiction: considerations about literature and epistemological changes

Naiara Sales Araújo¹

Resumo: O presente estudo traz à baila as narrativas de Protoficção Científica e sua ligação com o pensamento e as descobertas científicas. Assim, pretende-se apontar as principais características dessas narrativas, bem como verificar sua ligação com outras categorias ou gêneros literários. Ao longo do tempo, a literatura especulativa portou-se como importante instrumento de registros das transformações sociais e de mudanças epistemológicas decorrentes do desenvolvimento tecnocientífico. As narrativas de Protoficção Científica, por seu caráter híbrido, apresentam registros históricos ao passo que conjugam um emaranhado de elementos, tais como: sátira, fantasia, fantástico, gótico, misticismo, credices e ficção científica, dentre outros.

Palavras-chave: Protoficção científica; literatura; mudanças epistemológicas

Abstract: The present study brings light to the narratives of Scientific Protofiction and its connection with scientific thinking and discoveries. Thus, it is intended to point out the main characteristics of these narratives, as well as to verify their connection with other categories or literary genres. Over time, speculative literature has acted as an important instrument for recording social transformations and epistemological changes resulting from technoscientific development. The Scientific Protofiction narratives, due to their hybrid character, present historical records while combining a tangle of elements, such as: satire, fantasy, fantastic, gothic, mysticism, beliefs and science fiction, among others.

Keywords: Scientific protofiction; literature; epistemological changes

Introdução

A compreensão do que é Protoficção Científica passa por uma série de discussões que foram propostas ao longo dos anos e que estão diretamente ligadas ao conceito e surgimento do que entendemos hoje como Literatura de Ficção Científica.

¹ Professora da Graduação e do Mestrado em Letras da Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Doutora em Literatura Comparada pela London Metropolitan University. Contato: naiara.sas@gmail.com.

No entanto, vale ressaltar que a percepção geral de uma linha do tempo desse gênero no cânone literário poderia nos levar ao início dos primeiros registros escritos da civilização antiga. Assim, obras como *A Epopeia*, de Gilgamesh; *A República*, de Platão; *Utopia*, de Thomas More; *As Viagens de Gulliver*, de Jonathan Swift, bem como as sátiras de Lucian de Samosata são paradas obrigatórias quando se quer revisitar a genealogia da Ficção Científica.

Para este estudo, partiremos do conceito do crítico e romancista Damien Broderick (1995), que define Ficção Científica como sendo uma narrativa vinculada a uma cultura que passa por mudanças epistemológicas implicadas no crescimento ou na substituição do modo de produção, consumo e distribuição tecnoindustrial. Em outras palavras, tem-se a presença marcante de uma sociedade tecnologicamente desenvolvida, em desenvolvimento ou em processo de adaptação com o que a ciência e a tecnologia podem proporcionar.

Nesse sentido, tomaremos como obras de Ficção Científica os textos que são diretamente alusivos ao desenvolvimento tecnocientífico advindo da Revolução Industrial, sem, contudo, adentrar no universo fantástico ou maravilhoso. Partindo desse entendimento, consideramos a obra *Frankenstein* (1818), de Mary Shelley, como o marco inicial do gênero.

Isto posto, faz-se necessário levantarmos alguns questionamentos em torno de obras que, de uma maneira ou de outra, deslocam o leitor para um universo futurístico, por vezes, adentrando em temáticas que dialogam com um mundo tecnologicamente desenvolvido, mas que agregam características de outras categorias literárias, tais como fantástico, maravilhoso, fantasia, utopia, sátira, dentre outras. Nessa perspectiva, o presente estudo visa a fazer uma reflexão em torno das narrativas de Protocição Científica, considerando as principais características desse subgênero, bem como sua ligação com outras manifestações literárias.

Revisitando a Protocição Científica: breve histórico

No universo da Ficção Científica, é frequente a referência a obras tidas como precursoras do gênero, tais como: *True Story* (96-180 AD), de Lucian de Samosata;

Utopia (1516), de Thomas More; *New Atlantis* (1627), de Francis Bacon; *Somnium* (1634), de Johannes Kepler; *The Man in the Moone* (1638), de Francis Godwin; *The Comical History of the States and Empires of the Moon and the Sun* (1656), de Cyrano de Bergerac; *Robinson Crusoe* (1719), de Daniel Defoe, e *Gulliver's Travels* (1726), de Jonathan Swift. Essas obras trazem em si uma mistura de saber científico com utopia, sonho, fantasia e crítica social, caracterizando uma fusão de elementos típicos de outros gêneros ou categorias literárias. Tal fusão, pertence enfatizar, é característica determinante para o que chamaremos aqui de Protociência Científica.

Etimologicamente, o termo “proto” remete à ideia de primeiro, anterior. Logo, adotaremos, em parte, a concepção de Raul Fiker (1985) sobre o tema, o qual considera Protociência Científica as manifestações literárias anteriores ao estabelecimento do gênero Ficção Científica, cujas características e elementos foram parcialmente incorporados às suas narrativas: viagens imaginárias, mundos futurísticos, cientistas e a própria ciência como fio condutor. Mas, então, como diferenciar uma obra de Ficção Científica de uma Protociência Científica?

Nesse contexto, faz-se necessária uma breve abordagem sobre a compreensão de ciência ao longo do tempo, sobretudo até o início do século XIX, pois como aponta Monteiro (2016), a noção de real/irreal e de ciência e superstição era muito mais vaga para os nossos antepassados do que para nós, dialogando diretamente com os conceitos e ações referentes à magia, ao misticismo e à feitiçaria. Assim, em algumas culturas, um feiticeiro ou mago detinha, por vezes, as mesmas funções de um cientista ou médico, por exemplo, haja vista sua capacidade de dialogar com o desconhecido.

É bem verdade que o pensamento científico, enquanto investigação empírica, surgiu na Grécia Antiga, porém, a base para o que conhecemos como ciência moderna é o método científico mais difundido com o advento da Revolução Científica a partir século XVI, na Europa. Desde então, a ciência tem seu alicerce em conhecimentos ou práticas sistemáticas capazes de serem observadas e reproduzidas.

Levando em consideração que muitos clássicos da literatura mundial foram escritos por conhecidos nomes do universo científico – matemáticos, físicos, botânicos, médicos e astrônomos, por exemplo –, não é surpreendente que parte das discussões científicas levantadas durante os séculos XVI, XVII e XVIII tenham sido registradas em obras literárias, acompanhadas de dúvidas, crenças, apreensões, medos e fantasias.

Exemplo claro dessa associação é a obra *New Atlantis* (1627), de Francis Bacon. Considerado o fundador da Ciência Moderna, Bacon – político, filósofo, cientista e ensaísta inglês – projeta uma sociedade impulsionada pela ciência e pelo conhecimento, trazendo uma mensagem clara de que a dedicação metódica da sociedade ao conhecimento e à educação irá erradicar todos os males da condição humana. Em outras palavras, em meio a um discurso emaranhado de preceitos religiosos, sendo irônico ou lançando mão de recursos metafóricos, o autor deixa transparecer a prevalência do pensamento científico, no início do século XVII.

Nesse contexto, vale destacar *Somnium* (1634), de Johannes Kepler – astrônomo, astrólogo e matemático –, considerada, acertadamente, uma das obras basilares da Ficção Científica. Em uma mistura de conhecimento científico com investigação empírica, sonho e fantasia, Kepler preconiza as viagens à lua, popularizadas a partir das obras de Júlio Verne mais de dois séculos depois. Para o crítico Gale E. Christianson (1976), *Somnium* é, por si só, um divisor de águas, pois marca o fim de uma era antiga e o início de uma nova. O Daemon de Lavana é nada menos que a voz sutilmente mascarada de Kepler, falando com confiança e autoridade sobre as possibilidades ilimitadas que ele acredita que a ciência possui para a humanidade. Ainda na visão de Christianson (1976), longe está o mundo fantasia-utópico de Lucian e Campanella²; em seu lugar, há uma obra moderna imaginativa ancorada e rica em teoria científica racional.

A obra de Lucian a que se refere Christianson (1976) é *História Verdadeira* (96-180 AD), considerada por muitos críticos, dentre eles James Gunn (2002), a primeira obra com características de Ficção Científica. Para esse crítico, *História Verdadeira* é possivelmente a ficção mais antiga de que se tem conhecimento sobre viagem ao espaço, formas de vida alienígenas e guerra interplanetária. Na obra, Luciano satiriza as fontes históricas contemporâneas e antigas que citavam acontecimentos fantásticos e míticos como verídicos. De sua composição genericamente híbrida, a narrativa

² Tommaso Campanella escreveu a obra *A Cidade do Sol* (1602). Nessa obra, Campanella apresenta sua sociedade ideal: um Estado perfeito liderado por um príncipe-sacerdote chamado "Sol". O monarca era ajudado por Pon, Sin e Mor, que são a Potência, a Sapiência e o Amor. Era uma cidade onde tudo era detalhadamente organizado e os moradores utilizavam a razão para organizar suas vidas. Prevalcia a crença de que a propriedade privada criaria o egoísmo nos homens, pois os incentivaria a lutar para obter mais propriedades, por isso todos os bens de produção eram comuns.

contém elementos que vão da fantasia e sátira à ficção científica, dificultando sua classificação dentro de um estilo ou gênero literário único.

James Gunn (2002) argumenta que embora Lucian não tenha utilizado nave espacial, nem seus personagens tenham evidenciado a intenção de ir para a lua, seu barco não é muito diferente do balão de Edgar Allan Poe em *As incomparáveis aventuras de Hans Pfaall* (1835), ou do canhão de Júlio Verne no romance *Da Terra à Lua* (1865), pois *História Verdica* inspirou uma longa cadeia de descendentes literários, incluindo Johannes Kepler, Francis Godwin, Cyrano de Bergerac, Jonathan Swift, Voltaire, Edgar Allan Poe, dentre outros, dada a genialidade de seu autor.

Independentemente do valor artístico de *Somnium* (1634) e *História Verdadeira* (96-180 AD), importa-nos destacar alguns pontos essenciais para a discussão proposta nesse estudo, quais sejam, sua ligação com o gênero Ficção Científica, bem como sua capacidade de transitar entre diferentes categorias literárias. Portanto, as duas obras supracitadas servirão de parâmetro para o conceito de Protoficção Científica que queremos elucidar.

Vê-se nas duas obras a presença marcante da ciência, ainda que empírica, como na narrativa de Lucian ou, pouco mais sistemática, como em *Somnium*. A existência de um elemento condutor, capaz de transportar personagens no tempo e no espaço, é determinante em ambas as narrativas. Também é perceptível o surgimento de elementos que beiram o sobrenatural, colocando a fantasia como fio condutor secundário. Tal elemento é responsável pela aceitação do inverossímil, dada a não hesitação do leitor em muitas partes da narrativa, assumindo os fatos como irreais, mas também aprazíveis.

Isso posto, por questões didáticas, faz-se necessário catalogarmos elementos que podem ser determinantes para a classificação de uma obra como pertencente ao subgênero Protoficção Científica.

Primeiramente, é preciso haver a presença marcante de um fenômeno ou elemento científico, seja ele fundamentado na ciência empírica – apoiada somente em experiências vividas, descrição de fenômenos terrestres e sua relação com a espera celeste ou cosmológica, na observação de coisas, e não em teorias e métodos científicos – ou na ciência moderna.

Como já mencionado anteriormente, a ciência moderna se fundamenta na junção entre observação, experimentação e formulação de uma explicação teórica, daí a concepção de método científico. Neste contexto, o universo é visto como um elemento que pode ser explicado matematicamente, algo até então não admitido.

Dentre os mais notáveis cientistas que deram suas contribuições para o avanço da ciência na época estão: Nicolau Copérnico, Galileu Galilei, René Descartes, Francis Bacon e, mais tarde, Isaac Newton. Vale lembrar que o papel de Galileu Galilei na sistematização do conhecimento científico foi decisivo, já que ele foi um dos primeiros a aperfeiçoar instrumentos técnicos, como o telescópio, e pesquisas sobre movimento, para melhor observação dos fenômenos. Além de recuperar as ideias de Copérnico sobre a translação terrestre, Galileu Galilei também contribuiu para a elaboração da lei da inércia. Tais ideias estão presentes, de uma forma ou de outra, em muitas das narrativas literárias dos séculos XVII e XVIII.

Não obstante, a presença de uma teoria, ideia ou descoberta científica não é suficiente para denominar uma obra como Protóficção Científica. Um segundo item a ser considerado é a presença de fundamentos representativos de outros gêneros ou subgêneros, tais como fantasia, magia, sonho, suspense, horror, gótico, ou ainda princípios ligados ao sincretismo religioso, ocultismo ou outras crenças ou dogmas populares, sejam elas derivadas da religião ou de outras práticas culturais. Essa mistura de elementos reforça a influência dos estilos literários vigentes, bem como a presença marcante do diálogo entre o presente, o passado e o futuro; este, por vezes, vem envolto a dúvidas, medos e tensões.

Um terceiro item a ser observado nas narrativas de Protóficção Científica é a presença marcante dos ícones comumente associados à Ficção Científica, tais como viagens extraordinárias, seres artificiais de natureza não identificada, cidades futurísticas, objetos voadores – sem explicação lógica de funcionamento ou construção – e transporte dos personagens em tempo e espaço.

Por fim, elencamos uma série de componentes comumente presentes nas narrativas de Protóficção Científica: a) figura do cientista (louco), representado, na maioria das vezes, por médicos que, ávidos por utilizar o conhecimento para realizar experimentos em humanos, acabam por praticar atos eticamente reprováveis; b) drogas, medicamentos ou procedimentos resultantes de uma descoberta, técnica ou

método científico; c) presença de uma teoria científica que interfira, de uma maneira ou de outra, no desfecho da narrativa; d) visão negativa ou pouca aceitação social de procedimentos relacionados ao fazer científico em uma sociedade que passa por mudanças epistemológicas; e) fusão de conhecimento científico com saberes advindos de práticas de magia, feitiçaria ou crenças religiosas; f) hibridização de gêneros, possibilitando a inserção da obra em mais de uma categoria: fantástico, maravilhoso, fantasia, gótico, horror, sátira, utopia, dentre outros.

Com base no exposto, além das obras já mencionadas anteriormente, podemos classificar como Protocição Científica escritas no século XVII: *Christianopolis* (1619), de Johannes Valentinus Andreae; *The City of the Sun* (1623), de Tommaso Campanella; *The Man in the Moone* (1638), de Francis Godwin; *The Other World: Comical History of the States and Empires of the Moon* (1657) e *The States and Empires of the Sun* (1662), de Cyrano de Bergerac; *Epigone, Story of the Future Century* (1659), de Jacques Guttin; *Ecstatic Journey* (1656), de Athanasius Kircher; *La Terre Australe Connue* (1676), de Gabriel de Foigny; *The Blazing World* (1666), de Margaret Cavendish; *Conversations on the Plurality of Worlds* (1686), de Bernard le Bovier de Fontenelle; *Voyage to the World of Descartes* (1692), de Gabriel Daniel, e *Cosmotheoros* (1698), de Christiaan Huygens.

Embora muitas obras de cunho especulativo tenham sido publicadas nos séculos XVI e XVII, foi o século XVIII que melhor presenciou a efervescência de mudanças epistemológicas geradas pelas novas descobertas científicas. Dentre as mais notáveis, podemos destacar: *A Journal of the Plague Year* (1722), de Daniel Defoe; *Gulliver's Travels* (1726), de Jonathan Swift; *A Trip to the Moon* (1728), de Murtagh McDermott; *Memoirs of the Twentieth Century* (1733), de Samuel Madden; *Niels Klim's Underground Travels* (1741), de Ludvig Holberg; *The world of Mercury* (1750), de Chevalier de Bethune; *Micromegas* (1752), de Voltaire; *Journeys of Lord Seton in the Seven Planets* (1765), de Marie-Anne de Roumier-Robert; *The year 2440* (1771), de Louis-Sébastien Mercier, e *The Discovery of the South by a Flying Man* (1781), de Restif de la Bretonne. No início do século XIX, destacamos as obras *The Posthumous* (1802), de Restif de la Bretonne; *The Last Man* (1805), de Jean-Baptiste Cousin de Grainville, e *O Homem de Areia* (1816) e *O Autômato* (1816), de E. T. A. Hoffmann.

Embora consideremos, para efeito didático, o ano de 1818 como marco inicial para o estabelecimento da Ficção Científica, dada a publicação de *Frankenstein*, de Mary

Shelley, temos a convicção de que as obras de Protótipo Científica foram escritas conforme a realidade e as mudanças epistemológicas de cada sociedade. Nesse sentido, a depender do desenvolvimento tecnocientífico de cada país, muitas obras com as características descritas acima foram produzidas nos séculos seguintes em países onde o progresso tecnológico só chegaria mais tarde, como é o caso do Brasil e de outros países da América Latina.

Algumas considerações sobre a produção de Protótipo Científica no Brasil

Considerando que a produção de Protótipo Científica está diretamente relacionada às noções de ciências apontadas precedentemente, é compreensível que esse tipo de narrativa tenha sido produzido, no Brasil, em um período distinto daqueles supramencionados. Para alguns estudiosos, os estudos científicos mais estruturados só começaram a surgir no Brasil no final do século XVIII, período de difusão das ideias iluministas. Nesse contexto, a pesquisadora Maria Amélia Dantes (2005), chama a atenção para o trabalho de José Vieira Couto, naturalista mineiro que viveu de 1752 a 1827. Em suas *Memórias Científicas*, Couto registrava tarefas que iam desde o planejamento e a realização de expedições para localização de recursos mineralógicos, a coleta de amostras, até a realização de análises químicas, visando sua classificação para a qual o naturalista mantinha um laboratório. Tendo iniciado seus estudos em Coimbra, portanto, conectado ao pensamento iluminista, Couto seguia à risca os referenciais teóricos vigentes na Europa.

Ainda segundo Dantes (2005), é sabido que desde a chegada dos Portugueses aconteceram atividades científicas no Brasil, tais como: viagens exploratórias, com registros sobre a flora e a fauna locais; estudos sobre a cultura e as línguas indígenas; realização de observações astronômicas por jesuítas aqui sediados, entre outras. No entanto, foram as instalações de instituições científicas que alavancaram os estudos científicos sistemáticos:

Na verdade, a instalação de instituições científicas teve início no final do período colonial, durante a permanência da corte portuguesa no Brasil. Foram, então, criados: em 1808, o Colégio Médico da Bahia (a partir de 1832, Faculdade de Medicina da Bahia); no mesmo ano, a Escola Médica do Rio de

Janeiro (também Faculdade de Medicina, em 1832); ainda em 1808, o Horto, depois Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Em 1810, a Academia Militar do Rio de Janeiro, que durante o século XIX daria origem, em 1855, à Escola Central e, em 1874, à Escola Politécnica. Por fim, em 1818, o Museu Real, depois Museu Nacional de História Natural (DANTES, 2005, p. 3).

Diante do exposto, podemos inferir que a instalação tardia de instituições científicas contribuiu sobremaneira para uma baixa produção literária aos moldes daquelas que estavam sendo escritas na Europa. Assim, somente em meados do século XIX e início do século XX, começaram a surgir obras com características mais futurísticas e especulativas. Dessa forma, muitas das narrativas nacionais produzidas naquele período sofreram influência direta de seus antecessores europeus.

Embora não tenhamos a pretensão de analisar a fundo a Protocição Científica Brasileira, traremos à baila duas obras que dialogam diretamente com as descrições arroladas neste estudo e que fazem parte dos primeiros registros desse tipo de narrativa no universo literário brasileiro: *A História do Brasil, escrita pelo Dr. Jeremias no ano de 2862* (1862) e *Páginas da História do Brasil, escrita no ano de 2000* (1868-1873), ambas de Joaquim Felício dos Santos.

Críticos como Bráulio Tavares (1993), Roberto Causo (2003) e Naiara Araújo (2016) têm apontado as duas obras supracitadas como exemplos das primeiras manifestações do Ficção Científica no Brasil. No entanto, pela mistura de categorias de gêneros apresentada nessas narrativas, mais correto seria classificá-las como pertencentes ao subgênero Protocição Científica. A presença de um protagonista viajante no tempo e no espaço, bem como um forte teor alegórico, por vezes, satírico e utópico, nos dão indícios de que o autor bebeu nas fontes das viagens imaginárias e extraordinárias já citadas nesse estudo. Corroborando este pensamento, a crítica Ana Claudia Ribeiro comenta:

A História do Brasil escrita pelo Dr. Jeremias no ano de 2862 é, portanto, um relato de viagem, viagem essa que se dá no tempo e no espaço. Ela se filia à tradição das viagens imaginárias, que remonta à *Odisséia*, e ao tipo de fantasia sem freios de *Das narrativas verdadeiras*, de Luciano de Samósata (que inspiraram *L'autre monde*, 1657, de Cyrano de Bergerac, e as *Viagens de Gulliver*, 1726, de Jonathan Swift). Daí derivará toda uma tradição de viagens extraordinárias inventadas dadas por verídicas, que proliferarão a partir de 1675 e terão muitos aspectos satíricos e utópicos (RIBEIRO, 2012, p. 215).

Inegavelmente, é fatídico o impacto da tradição europeia nesse momento da história literária brasileira, sobretudo no que se refere à literatura de antecipação ou literatura especulativa. Ribeiro (2012) acrescenta que esse gênero teve ampla fortuna e dele derivam a visão distópica já presente nas narrativas de Ficção Científica, tais como *Epigone, a story of the future century* (1659), de Jacques Gutin, e *The year 2440* (1771), de Louis-Sébastien Mercier, ainda tão exploradas na contemporaneidade.

Além das obras de Joaquim Felício dos Santos, vale destacar outras manifestações de Literatura de antecipação ou especulativa, escritas no século XIX, que serviram de base para a Ficção Científica Brasileira e que colocaremos no rol das narrativas de Protociência Científica: *O Fim do Mundo* (1857) e *A Luneta Mágica* (1869), de Joaquim Manuel de Macedo; *O Doutor Benignus* (1875), de Augusto Emílio Zaluar; *O imortal* (1882), de Machado de Assis; *Demônios* (1893), de Aluísio Azevedo, e *Rainha do Ignoto* (1899), de Emília Freitas.

O início do século XX testemunhou a efervescência das mudanças epistemológicas sociais e culturais geradas pelo desenvolvimento tecnocientífico. Tais mudanças eram povoadas por incertezas, angústias e medos do desconhecido, do porvir e do inusitado. Assim, do mesmo modo que os escritores europeus utilizaram das mais diversas estratégias, estilos e tendências, os escritores brasileiros o fizeram. Daí a possibilidade de utilizar-se de diferentes gêneros, categorias, técnicas ou estilos literários favoreceu o surgimento de inúmeras obras desprovidas de uma classificação singular.

Nesse sentido, características de romance, crônica, sátira, utopia, literatura de antecipação, narrativas fantásticas, fantasia e horror, dentre outros gêneros, passaram a fazer parte de uma macronarrativa capaz de concentrar diferentes aspectos e temáticas sociais relacionadas às mudanças epistemológicas e aos avanços tecnocientíficos. Como representante desse estilo, além daquelas produzidas no século XIX, já mencionadas neste estudo, destacamos: *Esfinge* (1906) e *A Sombra* (1927), de Coelho Neto; *A Era do Automóvel*, *A fome Negra* e *O dia de um homem em 1920* (1911), de João do Rio; *O Reino de Kiato* (1922), de Rodolpho Theophilo; *A Amazônia Misteriosa* (1925), de Gastão Cruels, *O Presidente Negro* (1926), de Monteiro Lobato, e *Sua Excia. a presidente da República no ano 2500* (1929), de Adalzira Bittencourt; *Os olhos que comiam carne* (1934) e *Morfina* (1934), de Humberto de Campos.

Tais obras podem ser pensadas ao grupo de macronarrativas de Protoficção Científica Brasileira, haja vista que a estruturação do gênero Ficção Científica, no Brasil, só ocorreu em meados do século XX, a partir da contribuição e incentivo do editor, jornalista e escritor Gumerindo Rocha Dorea. Para a pesquisadora Elizabeth Ginway (2004), as Edições GRD foram responsáveis pela popularização da chamada Primeira Onda da Ficção Científica Brasileira (1958-1972), representada por autores como André Carneiro, Dinah Silveira de Queiroz, Fausto Cunha, Jerônimo Monteiro, Rubens Teixeira Escavone, dentre outros.

Nesse sentido, é possível afirmar que as obras aqui apontadas como Protoficção Científica Brasileira antecederam e contribuíram para a estruturação de gênero, servindo, por vezes, como inspiração para a primeira onda de escritores que se formaria na segunda metade do século XX.

Considerações Finais

Em termos gerais, consideramos que não houve um período histórico único para a produção de Protoficção Científica como tendência literária, pois essas manifestações surgiram conforme as mudanças e transformações sociais decorrentes dos avanços tecnocientíficos, bem como das mudanças epistemológicas que ocorreram em cada país. Isso justifica o acentuado número de obras que contemplavam as descobertas, especulações e discussões científicas que ocorreram nos séculos XVI, XVII e XVIII na Europa, por exemplo, enquanto que no Brasil o pico dessas discussões só foi notado no final do século XIX e início do século XX, período em que houve um ascendente número de obras que contemplam as características elencadas neste estudo.

Vale ressaltar que dadas as diferenças históricas, culturais e políticas, bem como religiosas de cada país, essas narrativas podem apresentar componentes distintos, diretamente ligados à identidade cultural de cada povo ou região. Em outras palavras, não há uma uniformidade estilística nas narrativas de Protoficção Científica, pois estas dialogam diretamente com momentos históricos, políticos e culturais, bem

como com estilos ou movimentos literários existentes, em âmbito nacional ou internacional.

Convém destacar, ainda, que é possível verificar a existência dessas macronarrativas em obras contemporâneas, o que nos permite afirmar que, dado o acelerado e multifacetado desenvolvimento tecnológico, a mudança brusca nos meios de interação social, bem como o surgimento das mais variadas formas de veiculação artístico-cultural, há uma tendência natural de produção de narrativas híbridas que possibilitam sua inserção e/ou classificação em mais de um gênero ou estilos literários.

Referências

ARAÚJO, N. S. Ficção Científica Brasileira: Ecofeminismo e Pós-Colonialismo em *Umbra*, de Plínio Cabral. *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, v. 18, n. 28, 2016.

BRODERICK, D. *Reading by Starlight: Postmodern Science Fiction*. London: Routledge, 2002.

CAUSO, R. de S. *Ficção científica, fantasia e horror no Brasil: 1875 a 1950*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

CHRISTIANSON, G. E. Kepler's Somnium: Science Fiction and the Renaissance Scientist, in *Science Fiction Studies*, v. 3, n. 1, March, 1976.

DANTES, M. A. M. As Ciências na História Brasileira. In *Ciência e Cultura*, v. 57, n. 1, Jan./Mar. 2005.

FIKER, R. *Ficção Científica: Ficção, Ciência ou uma Épica da Época?* Porto Alegre: L&PM Editores Ltda., 1985.

GINWAY, E. *Ficção Científica Brasileira - Mitos e nacionalidade no país do futuro*. São Paulo: Devir, 2004.

GUNN, J. *Foreword in Cambridge Companion to Science Fiction*. Ed. by JAMES, Edward and others. New York: Cambridge University Press, 2003.

JAMESON, F. *Penser avec la science-fiction*. Paris: Max Milo, 2008.

LUCIANO. *História verdadeira*. Lisboa: Editorial Estampa, 1989.

MONTEIRO, A. Teologia, colonialismo e ciência e tecnologia/ensino na proto-ficção científica portuguesa (com ou sem política). *Alambique: Revista académica de ciencia ficción y fantasia / Jornal académico de ficção científica e fantasia*, v. 4, p. 1-30, 2016.

VIGLAS, K. The Placement of Lucian's Novel True History in the Genre of Science Fiction (July 2016). *Interlitteraria*, v. 21, n. 1, p. 158-171, 2016.

RIBEIRO, A. C. R. Arqueologia da ficção científica brasileira: as viagens imaginárias de Joaquim Felício dos Santos. *Remate De Males*, v. 32, n. 2, p. 211-228, 2012.

TAVARES, B. O que é Ficção Científica? São Paulo: Brasiliense, 1993.